



## Quando os “diabos” de isaac vêm ao de cima

*Jornal a capital*

*05 de Novembro de 2011*

Na já célebre zona da Tchavola, em Luanda, capital da província da Huíla, a população vive tão desesperada, quanto anda confusa. E não é para menos! No princípio do ano, isto é, a seis de Março, último, várias famílias foram retiradas, forçadamente, dos bairros em que viviam e largadas num local ermo, vivendo ao relento, sem que o Governo da província cumprisse a promessa de reunir material, para ajudar na construção de novas residências.

Meses depois, o espírito de sacrifício veio ao de cima. Muitas famílias conseguiram erguer residências, no local para o qual foram transferidas meses antes. Mas, para a maioria delas, o pior apenas estava para vir. Quando se pensava que os traumas do passado não se repetiriam, eis que, na semana passada, essas casas novas, em que habitavam, foram novamente demolidas. Sem qualquer informação prévia, lá veio, outra vez, o Governo Provincial da Huíla, com as suas máquinas e demoliu 27 residências.

Como resultado disso, pelo menos duzentas pessoas estão, nos últimos dias, a viver ao relento. São pessoas de várias idades, entre crianças, algumas delas recém-nascidas e pessoal de certa idade. O ancião José Maria Kapende é um exemplo. Quis o destino que esse cidadão, que nasceu justamente na zona da Tchavola, fosse mais uma vítima do governo de Isaac dos Anjos. Encontrámo-lo na rua, em companhia de outros 15 membros da sua família, desesperado e a clamar por uma intervenção do governo central para travar os abusos do governador provincial, popularmente chamado de “Isaac dos Diabos”.

Tchavola, no dialecto local, equivale à podre, na língua portuguesa. O nome vem a propósito das condições de vida das pessoas que foram para ali despejadas.

As condições de habitabilidade são inexistentes. Não jorra água nas torneiras, não há electricidade. Há, porém, um posto médico, mas nele funcionam apenas dois enfermeiros que não possuem meios adequados para assistir os pacientes. Na farmácia, por exemplo, não existe medicamentos. Quando a doença assola, têm que percorrer entre um a dois quilómetros a pé. Não há meio de transportes na Zona.

A equipa de reportagem deste jornal conversou com três crianças, com baldes na cabeça. Acarretavam água, percorrendo longas distâncias. Interpeladas, a respeito, contaram que transportavam água de um charco “para a mãe cozinhar”. A falta de água é tanta que, na Tchavola, estão a conservar água em contentores

de lixo usados. E, essa mesma água, serve para beber, cozinhar e tomar banho.

Por outro lado, o jovem António Ngangula, 29 anos de idade, teve a mesma sorte depois gastar o equivalente a oito mil dólares. Construiu, com esse dinheiro, a sua casa no local que lhe foi cedido pelo próprio governo. Com a casa agora demolida, diz-se tão desesperado que “não tenho mais forças para viver”.

“Tive de fazer das tripas coração, para conseguir dinheiro para comprar o material e conseguir erguer a minha casa e quando pensava dar dignidade aos meus filhos vieram me destruir a casa”, resumiu, assim, a sua desesperante situação.

“Isso é revoltante, porque foram eles que mandaram construir aqui”, queixou-se, acusando o governador da província de estar a fomentar essa nova onda de demolições, em nome dos seus interesses particulares. “Agora como estão a construir o condomínio dele, não nos quer ver aqui”, frisou António, com o rosto carregado de revolta.

Filomena Carrele, 30 anos, está na mesma situação. Depois de gastar três mil dólares para fazer uma casa, de uma sala e dois quartos, para viver com os três filhos viu também o seu esforço a ir abaixo, numa fracção de segundos. “Ao ver a minha casa no chão, foi como se me estivessem a matar pela segunda vez. Já tenho dívida com o banco pela primeira casa, destruíram, e agora essa segunda que foi um dinheiro que guardava, também partiram”, lamentou para, em seguida, destacar: “eles me mataram mesmo”.

Até o coordenador da Comissão de Moradores da Tchavola, Tomas Sapoka, mostrou-se solidário com os populares. Disse que, não foi comunicado por ninguém sobre essa medida, assim como não existe razões plausíveis para tal atitude, porque desta vez os populares cumpriram com todas as normas exigidas pelo próprio governo.

No seu entender, a intenção é “o Governador Isaac dos Anjos alargar o seu condomínio e, portanto, tem que demolir as residências que estão próximas dele. Como somos pobres, não podemos ficar seus vizinhos”, comentou.